04 DE JULHO DE 2019



2ª EDIÇÃO

## TEM FILME NOVO NO CINECLUBE!

por Amanda Chaves Pinheiro

"Sonho que se sonha só É só um sonho que se sonha só Mas sonho que se sonha junto é realidade..." (Seixas, Raul)

Tem filme novo no CineClube Entre Saberes e, nós estamos aqui para te convidar a participar, venha conosco! Existem processos de expansão da consciência, processos de cura, processos em que se multiplicam os saberes e humanizam as relações interpessoais: foi o que vivenciamos com o filme "Pantera Negra". Wakanda vive! Ao final do filme exibido realizamos uma roda de conversa, ali, naquele espaço coletivo e pôde-se ouvir, sentir, refletir, participar e estar junto: tomar consciência. Foi muito mais do que assistir a um filme, muito mais do que imagens em sequência numa tela grande... Foi compartilhar da possibilidade de um novo mundo!

O que nos torna humanos são os nossos sonhos. Sonhar é a nossa força e a qualidade mais intensa. Quem constrói pontes para atravessar? Quem desenvolve ciência para viver mais, quem mais desenvolve tecnologia para aproximar pessoas? Quem aprende a voar para ganhar ares e depois voltar para casa? Quem mais pode inventar um novo mundo?

Sonhar com um mundo melhor é nossa potência coletiva; sem nossos sonhos, nada seríamos. O cinema é um grande propulsor de sonhos, individuais e coletivos. O cinema produz realidade, crítica social, arte e produz também a possibilidade de nos vermos, a partir de outra perspectiva.

Assistir a um filme sempre é especial! Pode ser sessão da tarde, pode ser no escurinho do cinema, pode ser de bobeira no rolê, daqueles que a gente não está prestando atenção, não importa: sempre é especial! Mas assistir a um filme no cineclube é poder participar de uma experiência coletiva. O filme tem outras cores, outras perspectivas e percepções distintas. É como se a experiência de pertencer em um cineclube produzisse uma experiência de pertencer ao coletivo ali presente, como se uma empatia sensível permeasse os olhares, produzindo novas "cores", outros fatores, para aquilo que jamais seria visto apenas individualmente.

Wakanda ficou real! Nós estivemos em Wakanda e sonhamos juntxs! Foi uma experiência transformadora; de expansão, como se o sonhar coletivo se tornasse possível.

Já dizia o poeta: "sonho que se sonha só... é só um sonho... mas sonho que se sonha junto é realidade".

Desta forma, queremos te convidar para embarcar em um novo sonho em formato de filme. Gostaríamos de te convidar para assistir

"Estrelas além do tempo". São mulheres que ousaram sonhar e sonharam tão grande, que mudaram o mundo!

Nós te esperamos para compartilhar essa força conosco. Será dia 05 de julho, às 13h, no Anfiteatro do Bloco A, do IF Sudeste MG, Campus Juiz de Fora. Desta vez, contaremos com a participação especial da Bibliotecária do IF: Vânia Márcia de Paula. Além disso, teremos um café com um dedo de prosa, lanchinho e um tempinho para compartilharmos nossas ideias, leituras e olhares sobre o filme.

Será imperdível! Participe.







É de conhecimento geral que a rede federal de ensino apresenta notório destaque e uma surpreendente qualidade, se comparada aos demais modelos de educação. Mas, cá para nós, o IF é muito mais que uma escola qualquer.

É praticamente unanimidade entre os estudante que passam por aqui que a experiência é, de fato, extremamente enriquecedora. Quando eu me tornei parte dessa grande família, era só uma garotinha imatura de 14 anos que pensava ser humanamente impossível sobreviver à 22 matérias. Não posso negar que muitas vezes senti que me exigiam mais do que aquilo que eu era capaz de fazer. Com uma carga horária desgastante e um milhão de provas e trabalhos toda semana, muitas vezes me vi totalmente perdida me perguntando "e agora, José?", já que, até então, estava acostumada com o ritmo desacelerado de uma escola estadual e com as preocupações nada preocupantes de uma pré adolescente.

Entretanto, acredito que represento a maioria quando digo que é compensador. Não é sobre romantizar o desgaste físico e mental que muitas vezes abala o estudante do ensino integrado, mas saber reconhecer e valorizar o privilégio de ter acesso a uma educação emancipadora. Aqui dentro convivi com os mais variados tipos de gente, vindos de lugares totalmente diferentes do que eu vim e tive que aprender a me virar para dar conta de tudo que a vida cobra.

Quando penso que quando me formar isso tudo vai acabar pra mim, fico feliz por ter superado todas as pedras no caminho, mas não deixo de cultivar um sentimento saudosista com relação a tudo que vivi. No fim, são três anos aqui dentro, mas uma vida inteira com as lembranças dentro do coração.

#### Editorial:

Amanda Chaves Pinheiro

#### Textos:

Laura Silva Vieira Maria Luísa Riolino Guimarães

### Diagramação: Ary Dias Dutra

Maria Luísa Riolino Guimarães

# Arte:

Hugo Santos Vinicius Dellão Menini

#### Colaboradores:

Coletivo LGBTQ+ Gabriela de Freitas Lima Lucas Rigolon Coelho Pinto

## Revisores:

Emanuelly Bruna de Oliveira Henrique Silveira Marques Rafaela Letícia Aguiar da Conceição

#### Apoio e colaboração:

Alex Silva Israel
Benício José Ferreira de Souza
Davi Graça Dias
Douglas Walisson de Souza Silva
João Vitor Comello Oliveira
Leonardo Viana da Silva
Náthaly D'Almada do Espírito Santo
Nicolas Soares Martins
Rafael Debussi
Sebastião da Silva Marcelino

# RESENHA: ESTRELAS ALÉM DO TEMPO

por Maria Luísa Riolino Guimarães

Em Estrelas Além do Tempo (Theodore Melfi, 2016), acompanhamos a trajetória de três cientistas - Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughan (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe) -, que trabalharam para a NASA durante Guerra Fria, sendo essenciais para o sucesso dos Estados Unidos na corrida espacial. Como se o fato de serem mulheres cientistas, uma área até hoje bastante misógina, já não fosse por si só desafiador, as personagens das quais o filme, que é baseado em fatos reais, fala, eram mulheres negras, em uma época em que a segregação racial era extremamente visível, praticada e até mesmo institucionalizada no país.

Assistimos Katherine, responsável por conferir os mais complexos cálculos do projeto, tendo que interromper seu trabalho já nada valorizado para ir, literalmente correndo, até o único banheiro no qual sua presença era permitida - a 40 minutos de distância de seu local de trabalho; assistimos Dorothy ensinando programação, sozinha, para um grupo de mulheres negras com seus empregos ameaçados pela chegada de novas tecnologias; assistimos Mary lutando por seu sonho de se tornar estudante de Engenharia; assistimo-as fazendo tudo isso enquanto ainda sustentavam seus papéis de mulheres, mães, esposas e filhas dos anos 60 e, a partir disso, podemos perceber o quanto tiveram que lutar, e por quanta coisa tiveram que passar, até finalmente conquistarem seus direitos.

A história de vida inspiradora dessas mulheres é honrada com um excelente roteiro, apesar de por vezes estereotipar alguns personagens na tentativa de reforçar a mensagem do filme; fotografia memorável, com cenas extremamente significativas; e uma trilha sonora que consegue sintetizar muito bem as sensações que o filme procura nos causar.

Estrelas Além do Tempo é, acima de tudo, um filme sobre quebra de paradigmas. Sobre lutar pelo que se ama mesmo nas situações mais adversas, sobre preconceito, sobre luta e superação. Mas serve também, a meu ver, como um lembrete de que podemos, ainda hoje, estar perdendo a oportunidade de reconhecermos e aproveitarmos verdadeiros talentos, "figuras escondidas" por todas as camadas de preconceito que ainda permeiam a sociedade.





# E NÃO SOU UMA MULHER?

por Laura Silva Vieira

Estrelas Além do Tempo retrata, com uma visão estadunidense, a colaboração de três mulheres negras à NASA na corrida espacial contra a, na época, URSS.

Quando se pensa sobre o tema abarcado, o primeiro gatilho a se puxar é o do patriarcado racista que essas mulheres tiveram de enfrentar, para que pudessem se tornar o que viriam a ser. Não é difícil, mesmo que para uma pessoa fora desses grupos, ditos minoritários, perceber as dificuldades que as mesmas enfrentaram ao longo de seu trajeto até o reconhecimento de suas capacidades, com um agravante da época em que a segregação racial ainda era comum em alguns pontos do país. Cenas como a separação dos banheiros, dos lugares no transporte público, e a proibição à frequência em determinados locais, eram comuns à época, e só ainda se surpreende com tais fatos quem não teve acesso a um bom ensino de história.

O surpreendente, na minha opinião, sobre esse filme, é que mesmo com uma história contemporânea, que é dada como antiga para as pessoas da minha geração, o tema e os encaixes são extremamente atuais, bem mais do que "só" machismo e racismo.

A história proporciona para as iguais (mulheres, pessoas negras, mas principalmente mulheres negras), uma oportunidade sem igual de se identificar com personagens reais. É mais do que uma representação na grande mídia, é ver com os próprios olhos, mulheres que tornaram o impossível possível. Seja o homem à lua, ou a mulher negra à NASA. Mulheres que foram pioneiras, e que tornaram extremamente mais fácil a luta pelo intelectualismo da mulher negra.

A sociedade tem uma visão da mulher, de modo geral, como um objeto frágil, que precisa de cuidado, que tem de ser responsável por todas as tarefas familiares, mas sem perder a doçura ou graciosidade. Que não se altera, e é

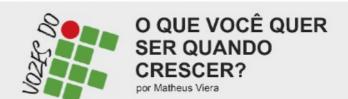
inteligente, mas não tanto quanto o homem, só o suficiente para chamar sua atenção. Mas se isso é ser mulher, então por que a mulher negra é vista como desprovida de sentimentos? Por que ela é tão objetificada, que se não for "gostosa", não serve para nada? Por que a única família que a sociedade se importa com que a mulher negra tenha é a família branca do patrão para cuidar? Por que para mulheres negras é negada qualquer demonstração de afeto, carinho e beleza? Por que a sociedade só insiste em devolver dores e desgraça à sua própria indústria de base?

Acontece que a mulher negra não é dada como uma mulher pela sociedade, as regras simplesmente não se aplicam. E um exemplo claro é que, enquanto mulheres brancas lutavam pelo seu direito ao voto, mulheres negras trabalhavam incansavelmente em senzalas. Sendo assim, somos vistas apenas como um pedaço de carne descartável, tendo retirados de nós quaisquer resquícios de nossa humanidade.

Eu passaria o dia falando sobre como isso é refletido em nossa autoestima, relacionamentos e saúde mental, mas deixo instigado para uma reflexão difundida em uma conversa cara a cara.

O filme acaba por mostrar mais do que as batalhas travadas pelo reconhecimento, ele inspira conscientização, e prova, até para nós mesmas, que mulheres negras não são uma fonte incondicional de força, que seus intelectos podem chegar a lugares inimagináveis, assim como é possível o estabelecimento de relacionamentos bem estruturados. Enfim, um verdadeiro colírio pros olhos. Se permitir, o filme te atingirá em lugares que você nem sabia que doíam.

(Menção a Sojourner Truth e a Djamila Ribeiro, que tiraram a máscara do silenciamento de mim, e me fizeram enxergar o mundo de várias outras formas.)



Já me fizeram essa pergunta várias vezes durante a vida, "o que você vai ser quando crescer?" o que eu vou ser, eu não sei, vejam bem, eu sempre quis ser médico, mas meus pais não tiveram dinheiro para pagar escolas particulares, estudei em escola pública, você pode dizer: " idai? Se você tinha esse objetivo era só ter estudado!", mas estudado o que? Não era uma escola de qualidade da onde eu vim, os professores ensinavam obrigados, quase sem vontade, passando todos os alunos sem reprovação.

Como iria eu estudar por conta própria se não entendia o que tentavam me ensinar de má vontade? Como iria eu buscar conhecimento que nem mesmo me foi apresentado? O YouTube ainda não te mostra aquilo que você deseja saber, mas não sabe como se chama, não tinha como então saber de muita história, arte, literatura, gramática, nada.

O que eu vou ser quando crescer? Eu não sei, só espero que tenham pena de mim e não me tornem "escravo", como a maioria dos meninos agora da minha antiga sala, que trabalham ou catando latinha, ou na loja do pai, para ajudar as famílias, e eu continuo estudando, graças a ajuda de alguns professores. Eu rezo por aqueles que vem depois de mim, pois nosso país almeja homens de bem e trabalhador, mas o mesmo torna seu ensino público cada vez mais precário, como você quer um "trabalhador de bem" se com o ensino que tem uma criança não pode nem sonhar em responder que quer ser médico quando alguém perguntar O que você vai ser quando crescer?" Quero ser igual meu pai.

Acho que entendi quem são os cidadãos de bem e trabalhadores que devem ser protegidos do povo como o meu, que não tiveram o bem da educação, para se tornarem cidadãos trabalhadores e agarraram as oportunidades que o governo não deu, com o chefe da boca, com o cafetão, com a ilegalidade. Não é com armas que se diminui o número de bandidos, e sim com escolas e incentivos estudantis.











## COLETIVO LGBTQ+

por Coletivo LGBTQ+

Um coletivo criado por Pedro Figueiredo Nolasco que reuniu diversas pessoas do meio LGBTQ+ do Instituto Federal de Juiz de Fora, iniciou-se de forma simples: uma pequena roda de conversa que teve como objetivo principal a reflexão do que a criação do coletivo tem para oferecer aos alunos, sendo este, um grupo de acolhimento, representação e também um movimento cultural e social no qual é exaltado e destacado os valores e a riqueza da comunidade LGBTQ+.

O primeiro ato cultural do coletivo decorreu na última semana de junho, nele foi feito uma exposição artística dos alunos do IF que tiveram assim uma grande oportunidade de manifestar os seus dons, seja através de desenhos, poemas entre outras formas de expressão; um cinedebate que teve como filme o escolhido o famoso "Call me by your name" com o princípio de se discutir a representatividade do movimento LGBTQ+; músicas de grandes artistas da comunidade foram tocadas no horário de almoço para entreter os alunos; e como grande marco a bandeira LBGTQ+ erguida no centro do pentágono, sendo este o símbolo da nossa luta.

Para este ano ainda, acontecerão muitos eventos como este, além das reuniões que ocorrem toda semana onde são levantados temas ligados ao nosso objetivo e debates sobre o que nós da comunidade podemos fazer para melhorar o movimento como um todo, buscando ser um local de conforto e acolhimento no qual as pessoas se sintam representadas. Deixando claro que até mesmo as pessoas que não são deste meio são muito bem-vindas para participarem e conhecer mais a nossa história (em relação às nossas causas).

# INDICAÇÕES PERIGOSAS

**FILMES** LIVROS



Histórias Cruzadas Tate Taylor, 2011

O menino que descobriu o vento Chiwetel Ejiofor, 2019

Lionheart

Genevieve Nnaji, 2018

Mulher Maravilha Patty Jenkins, 2017

Ron Clements, John Musker, 2017

What Happened miss Simone?

Liz Garbus, 2015

As Sufragistas Sarah Gavron, 2015

Que Horas Ela Volta? Anna Muylaert, 2015

Mãos Talentosas Thomas Carter, 2009

Frida Julie Taymor, 2002



Mulheres, Cultura e Política Angela Davis, 1989

Quem tem medo do Feminismo Negro Djamila Ribeiro

Minha História Michelle Obama

O Que o Sol faz com as Flores Rupi Kaur

Para Educar Crianças **Feministas** Chimamanda Ngozi Adichie

Sejamos Todos Feministas Chimamanda Ngozi Adichie

Madame Curie Mulheres no Poder Schuma Schumaher, Antonia Ceva

O Segundo Sexo Simone de Beauvoir

Problemas de Gênero Judith Butler



MÚSICAS

Girl on Fire Alicia Keys

Grown Woman, Beyoncé Marias, Karol Conká Run World Girls, Beyoncé Respect, Aretha Franklin Mulheres, Doralyce Girls Just Wanna Have Fun, Cyndi Lauper Agora só Falta Você, Rita Lee Rosa Parks, OutKast To be young, gifted and black, Nina Simone